

ACUPUNTURA NO TRATAMENTO DE DISPLASIA COXOFEMORAL EM CÃO

Vânia Batista de Sousa Lima (Bolsista PIBIC/CNPQ), Roseli Pizzigatti Klein (Orientadora, Depto de Clínica e Cirurgia Veterinária - UFPI); Dra. Ana Maria Quessada (Co-orientadora-UFPI), Dr. João Macedo de Souza (colaborador-UFPI)

Introdução

A Displasia Coxofemoral (DCF) caracteriza-se por uma falha no desenvolvimento da articulação coxofemoral acarretando vários graus de frouxidão dos tecidos moles ao redor, instabilidade, malformação da cabeça femoral e acetábulo, podendo ocasionar a subluxação da articulação (OLMSTEAD, 1998). Diversas raças de grande porte podem ser acometidas pela afecção e entre as mais predispostas estão o são bernardo, o golden retrievers, o labrador retriever, o rottweiler, o pointer e o fila brasileiro (SMITH, 1997; ALVARENGA E PEDRO 2006). Os sinais clínicos variam amplamente com a idade e os animais afetados podem apresentar claudicação uni ou bilateral dos membros posteriores, dorso arqueado, peso corporal deslocado em direção aos membros anteriores com rotação lateral desses membros, andar bamboleante e impotência funcional (BRASS, 1989).

No diagnóstico deve-se levar em conta a idade, a raça, a história, os achados físicos e radiográficos nas posições latero-lateral e ventro-dorsal (HULSE, JOHNSON, 2002). Radiograficamente caracteriza-se por arrasamento do acetábulo, achatamento da cabeça femoral, subluxação coxofemoral ou doença articular degenerativa secundária (ALEXANDER, 1992).

Os tratamentos para a DCF visam minimizar a dor, combater os sintomas e proporcionar melhor condição de vida para o animal. Nos casos mais leves recomenda-se a diminuição do peso do animal para reduzir o estresse mecânico sobre a articulação para prevenir ou aliviar o processo inflamatório presente. Nos mais graves podem ser usados antiinflamatórios não esteróides para o controle da dor, como também precursores de proteoglicanos que são importante constituinte da cartilagem hialina que forma a articulação (SOUZA, TUDURY, 2003). Como opções terapêuticas, OLIVEIRA et al. (2004) cita fisioterapia, hidroterapia, acupuntura, uso de antiinflamatórios não esteroidais, condroprotetores e cirurgia (OLIVEIRA et al., 2004).

A acupuntura (ACP) é o ramo da Medicina Tradicional Chinesa (MTC) que tem sido utilizada na medicina veterinária para a terapia e a cura de muitas enfermidades (SCHOEN, 2006) pela aplicação de estímulos através da pele, com a inserção de agulhas em pontos específicos denominados acupontos (WEN, 1989; JAGGAR, 1992; TORRO, 1997) que estão distribuídos nos meridianos ou canais principais que conduzem a energia vital (QI) pelo organismo.

Metodologia

Os animais oriundos da clientela do Hospital Veterinário Universitário (HVU) “Médico Veterinário João Pereira da Silva” da Universidade Federal do Piauí (UFPI) foram atendidos na Clínica Médica com sinais clínicos compatíveis para a DCF e com diagnóstico radiográfico confirmando a enfermidade. Os acupontos foram selecionados de acordo com os padrões chineses das doenças: Vesícula Biliar (VB29 e 30); Bexiga (B23, B52, B40, B36, B60); Rim (R3) e Vaso Governador (VG4). Após a inserção das agulhas as mesmas foram mantidas pela técnica de inserção ou reter a agulha sem manipulação, (ALTMAN, 2006) e permaneceram por 20 minutos. As sessões foram realizadas semanalmente. Após a constatação da recuperação das funções locomotoras dos

membros pélvicos e a notificação do dono do animal quanto sua melhora clínica, as sessões passaram a ser realizadas com intervalos quinzenais. Não havendo recaída o animal recebia alta. Os proprietários foram contactados para o acompanhamento da higidez do animal.

Resultados e discussão

Vinte e três animais iniciaram a terapia no período. Houve desistência de dez proprietários, porém, 13 cães de diversas raças, de ambos os sexos e faixa etária foram devidamente tratados e acompanhados conforme o protocolo proposto. Das raças atendidas e que foram tratadas 33% eram pastor alemão, 25% cocker spaniel, 16% pit bull e as demais raças poodle, rottweiler, labrador retriever e fila brasileira 33%, estando, portanto, tais raças descritas na literatura por serem predispostas (SMITH, 1997; SOUZA, TUDURY, 2003; ALVARENGA et al., 2006; LEMOS et al., 2007). No diagnóstico definitivo da DCF (FIGURA 2) o exame radiográfico em ambas as posições revelou o arrasamento dos acetábulos, achatamento da cabeça femoral, subluxação da articulação coxofemoral em um animal e luxação em dois (ALEXANDER, 1992; TÔRRES, 1999; HULSE, JOHNSON, 2002).

A acupuntura, na sua essência é uma terapia individualizada, como também ocorre com a resposta terapêutica de cada animal, o que significa que ao fazer um diagnóstico à luz da MTC, os acupontos utilizados poderão ser diferentes para cada animal. No protocolo aqui testado foram selecionados e mantidos os mesmos acupontos para todos os animais com o mesmo diagnóstico ocidental, visando padronizar os acupontos no tratamento dessa enfermidade como protocolo. Quanto ao número de sessão com intervalo semanal até a resposta favorável, oito animais fizeram quatro sessões, três animais cinco, um fez três e um animal fez oito sessões. Quanto às sessões quinzenais, até a alta, cinco animais fizeram uma sessão, três fizeram três sessões, dois fizeram quatro, um animal fez duas e um fez sete.

Após a primeira sessão com intervalo semanal, todos os animais (100%) obtiveram melhora no quadro clínico e as principais mudanças relatadas pelos proprietários foram a diminuição das dores que encorajou o animal a se levantar, manter-se em estação e a andar melhor, apresentando-se mais ativos, com diminuição ou ausência da claudicação. A recuperação total da sintomatologia ocorreu em 12 animais (92%). Em um animal (8%) mesmo após a realização de sete sessões quinzenais, a claudicação persistiu. Essas respostas podem sugerir o quanto a acupuntura é uma terapia individual, com animais apresentando variabilidade de resposta, porém, o sucesso terapêutico pode ser avaliado ao final do tratamento proposto, com a recuperação clínica de quase 100% dos animais.

Por ser um tratamento de baixo custo econômico e praticamente isento de efeitos colaterais, poderá vir a ser um recurso de primeira linha no tratamento da dor. O uso da analgesia por acupuntura resulta em maiores benefícios para o paciente, sobretudo aqueles de idade avançada, com saúde debilitada, enfermidades associadas, e ainda, naqueles que apresentam intolerância a determinados fármacos anestésicos ou analgésicos (GARCEZ et al., 2011).

Conclusão

Conclui-se que a acupuntura nos acupontos VB29, VB30, B23, B52, B40, B36, B60, R3 e VG4 foi eficaz na terapia da displasia coxofemoral em cães. Os resultados clínicos favoráveis obtidos

sugerem que o protocolo de acupontos proposto possa ser indicado para o tratamento dos animais, independente da raça, sexo e idade.

Apoio

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão da bolsa de estudo.

Palavras-chave: acupuntura. Canino. displasia coxofemoral.

Referências Bibliográficas

ALEXANDER, J.W. The pathogenesis of canine hip dysplasia. Vet. Clin. Noth. Am.: Small Anim. Prac. v. 22, n. 3, p. 503-11, 1992.

ALVARENGA, J.; PEDRO, C. R. Afecções da articulação coxofemoral In. MIKAIL, S.; PEDRO, C.R. Fisioterapia Veterinária. p. 121-129, São Paulo: Manole, 2006.

BRASS, W. Hip dysplasia in dogs. Journal of Small Animal Practice., v.30, p.166- 170, 1989.

GARCEZ T. N. A.; MÖRSCHBÄCHER P. D.; BEHEREGARAY W. K.; GIANOTTI G.C.; CONTESINI E. A. Bases anatômicas e neurofisiológicas da analgesia por acupuntura. Medvep - Revista Científica de Medicina Veterinária - Pequenos Animais e Animais de Estimação, v. 9, n. 28, p. 40-44, 2011.

HULSE, D. A.; JOHNSON, A. L. Tratamento da Doença Articular. In: FOSSUM, T. W. Cirurgia de Pequenos Animais. 1ª edição. São Paulo: Roca, p. 1042- 1049. 2002.

JAGGAR, D. History and basic introduction to veterinary acupuncture. Problems in Veterinary Medicine, v.4, n.1, p.13-15, 1992.

LEMONS, C. M., FISCHER, C. D. B., PINTO, V. M., et al. Prevalência da displasia coxofemoral em cães atendidos no hospital veterinário da universidade luterana do Brasil no setor de reabilitação animal no ano de 2007. Anais de congresso. In: 35º Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária. Gramado-RS, 2008. Disponível em:<http://www.sovergs.com.br/conbravet2008/anais/cd/listaresumos>> Consultado em: agosto, 2011.

OLIVEIRA, R.C.B. Displasia fibrosa do osso temporal: relato de dois casos. Rev. Bras. Otorrinolaringologia, v.70, n.5, 2004.

OLMSTEAD, M. L. Articulação coxofemoral In: BIRCHARD, S. J.; SHERDING, R. G. Manual Saunders: Clínica de pequenos animais. São Paulo: Roca, p. 1139-1142, 1998.

SCHOEN, A. M. Acupuntura Veterinária: Da Arte Antiga à Medicina Moderna. São Paulo: Roca, p. 17-588, 2006.

SOUZA, A. F. A.; TUDURY, E. A. Displasia coxofemoral: diagnóstico clínico e radiográfico – revisão. Clínica Veterinária. São Paulo: Guará. p. 54-66, 2003.

SMITH, G. K. Advances in diagnosing canine hip dysplasia. Scientific Reports. v. 210, n. 10, p. 1451-1457, 1997.

TORRO, C. A. Atlas Prático de Acupuntura do Cão, Livraria Varela. São Paulo, p. 272, 1997.

WEN, T. S. Acupuntura clássica chinesa. 2ª edição. São Paulo: Cultrix, p. 225, 1989.